



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

MARCOS MADJER SOUZA MORAIS

SOBRE MASCULINIDADES: Analisando suas políticas sociais de comportamento.

Imperatriz-MA

2023

MARCOS MADJER SOUZA MORAIS

SOBRE MASCULINIDADES: Analisando suas políticas sociais de comportamento.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA, como requisito para obtenção do título de licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
(Orientador)

Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja
(Examinadora)

Profa. Dra. Maynara Costa de Oliveira Silva
(Examinadora)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SOUZA MORAIS, MARCOS MADJER.

SOBRE MASCULINIDADES : Analisando suas políticas
sociais de comportamento / MARCOS MADJER SOUZA MORAIS. -
2023.

20 p.

Orientador(a): EDSON FERREIRA DA COSTA.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade
Federal do Maranhão, IMPERATRIZ, 2023.

1. GÊNERO. 2. HOMEM NEGRO. 3. MASCULINIDADE. 4.
RACISMO. 5. VIOLÊNCIA. I. FERREIRA DA COSTA, EDSON. II.
Título.

RESUMO: O presente artigo abordará o modo como a masculinidade tem afetado o comportamento dos homens em sociedade. No entanto, o projeto possui o objetivo de direcionar os estudos à masculinidade dos homens negros, tendo em vista que estes são estigmatizados como sujeitos violentos, devido ao racismo. Desta forma, a metodologia utilizada será a de explorar algumas referências bibliográficas do tema em questão, e ideias centrais que foram desenvolvidas pelos autores escolhidos. Para isso, contaremos com a contribuição da colombiana Mara Viveros Vigoya, ao qual buscou detalhar as lacunas deixadas pela escassez de estudos sobre masculinidade desde os anos 90. Além de Vigoya, a afro-estadunidense bell hooks nos ajudará a perceber que a masculinidade se trata de um sistema de opressão, com mecanismos de controle, disciplina e violência, tanto para com os homens ou com as mulheres, mas que pode ser reconstruída de forma saudável, e repensada pelo afeto e cura. Ademais, teremos a importante colaboração da pesquisadora afro-brasileira Lelia Gonzalez que, com seus estudos feministas afro-latino-americanos, conseguiu estabelecer uma corrente de pensamentos em torno dos estudos de branquitude no Brasil, e Patricia Hill Collins, intelectual afro-estadunidense, ao qual nos trouxe a epistemologia feminista negra, pensamento importante aos estudos de gênero e raça, e, principalmente, a respeito das formas sociais dominantes da subjetividade negra.

Palavras-chave: Homem negro. Masculinidade. Masculinidade negra. Racismo.

ABSTRACT: This article will address how masculinity has affected the behavior of men in society. However, the project has the objective of directing studies to the masculinity of black men, considering that they are stigmatized as violent subjects, due to racism. In this way, the methodology used will be to explore some bibliographical references of the subject in question, and central ideas that were developed by the chosen authors. To this end, we will count on the contribution of Colombian Mara Vigoya, which sought to detail the gaps left by the scarcity of masculinity studies since the 1990s. In addition to Vigoya, Afro-stately Bell Hooks will help us realize that masculinity is a system of oppression, with mechanisms of control, discipline and violence, either for men or women, but can be rebuilt of women Healthy form, and rethought by affection and healing. In addition, we will have the important collaboration of the Afro-Brazilian researcher Lelia Gonzalez who, with her Afro-Latin American feminist studies, managed to establish a chain of thoughts around the studies of whiteness in Brazil, and Patricia Hill Collins, an Afro-American intellectual, to whom she brought us black feminist epistemology, an important thought for studies of gender and race, and, mainly, regarding the dominant social forms of black subjectivity.

Keywords: Black man. Masculinity. Black masculinity. Patriarchy. Racism.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| <u>1 INTRODUÇÃO</u> | 6 |
| <u>2 OS PAPÉIS DE GÊNERO QUE DESAGUAM NA MASCULINIDADE</u> | 7 |
| <u>3 A DESEDUCAÇÃO DO HOMEM NEGRO QUE DESEMBOCA NA VIOLÊNCIA</u> | 10 |
| <u>4 REMANDO COLETIVAMENTE PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA MASCULINIDADE SAUDÁVEL</u> | 14 |
| <u>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> | 18 |
| <u>REFERÊNCIAS</u> | 20 |

1 INTRODUÇÃO

Em princípio, o objetivo inicial para compor a ideia do artigo é o de compreender os efeitos da masculinidade sobre os homens heterossexuais no Brasil, em especial aos homens negros, e de que modo esse sistema tem influenciado o comportamento desses sujeitos, em seu ambiente familiar, seus relacionamentos afetivos, e o reflexo sobre a imagem de homem violento que é gerada em sociedade. Para tanto, iremos evidenciar algumas produções acadêmicas que contribuíram para o desenvolvimento dessa compreensão crítica da sociedade, e como os seus mecanismos opressores atingem os homens negros. Destacar-se-á, a contribuição das pensadoras Mara Viveros Vigoya, bell hooks, Patrícia Hill Collins e Lelia Gonzalez.

Dessa maneira, para iniciarmos o desenvolvimento desse trabalho, teremos como um dos aportes teóricos principais a presença de Mara Viveros Vigoya, colombiana, ela desenvolveu um estudo a respeito das masculinidades negras de seu país, que está presente em seu livro, *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América (2018)*. O ponto chave de seus estudos é analisar as produções acadêmicas que foram realizadas por alguns teóricos da américa latina, e, através dessa pesquisa, Vigoya identificou que os homens colombianos possuíam narrativas comportamentais que entravam em negociação ao contexto de masculinidade culturalmente sobreposta a região. Ou seja, fala-se em masculinidades no plural, tendo em vista que seus efeitos são múltiplos, e respondem ao cenário social que se encontram.

Nesse contexto, Vigoya destaca para o fato de que homens e mulheres exercem papéis de gênero na sociedade, mas que possuem características violentas, ao qual acarretam sistemas destrutivos da identidade desses sujeitos, como o sexismo¹. Além disso, os estudos de masculinidade apresentavam um vazio de sua presença até os anos 90, e é neste contexto que Vigoya passou a se interessar. Apoiando-se as pensadoras que estudam o que ela chama de *Black Feminism* [Feminismo Negro], a autora relata a importância dos estudos que se concentram na masculinidade como meio de dissolução das políticas que oprimem as identidades dos homens negros, moldando-as a favor do sistema que o enxerga como violento.

Além de Vigoya, bell hooks é uma importante intelectual afro-estadunidense, que se aprofundou nos estudos relacionados à afetividade entre pessoas negras. Recentemente lançou o livro sobre o estudo da masculinidade de homens negros, denominado *A gente é da hora:*

¹ Termo que se refere à discriminação e preconceito contra um gênero, neste caso, o feminino.

homens negros e masculinidades (2022), obra que irá nos ajudar a desenvolver a proposta do artigo. Neste livro, hooks nos apresenta as suas experiências enquanto mulher negra que viveu com homens negros que possuíam, e possuem, comportamentos disfuncionais, respondendo ao sistema dominante que o violenta, ao qual ela denomina de sistema do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista.² Então, tal sistema diz respeito aos mecanismos capazes de manter a ordem, controle e disciplina dos sujeitos.

Contudo, para falarmos de um sistema de controle como este denominado por hooks, precisamos inicialmente dissecá-lo em sua perspectiva epistêmica. Logo, ao articularmos sobre essa ideia de manipulação, não podemos deixar de observar que o controle de pessoas também o é de suas subjetividades. Sem contar que, além de controlá-las, estamos disciplinando indivíduos para se comportarem de modo socialmente adequado a uma política-socioeconômica, ou seja, estamos coercitivamente definindo nossas escolhas, sejam elas de consumo, afetivas, culturais, ou qualquer categoria que ligada ao quadro de relações sociais. Dessa forma, esses são importantes aspectos estudados por hooks que contribuem significativamente para a compreensão de como as identidades são construídas neste sistema.

Ademais, torna-se relevante a abordagem epistêmica e metodológica dos estudos feminista negro de Patrícia Hill Collins e afro-latino-americano de Lélia Gonzalez, cujo contribuições se tornam importantes a serem somadas aos pensamentos de hooks e Vigoya. Elas adotam formas metodológicas que se complementam, como a perspectiva em torno da masculinidade negra, e o desafio enfrentando para desconstruir o imaginário racista ao cria imagens de homens negros como homens agressivos.

Cabe destacar, que as obras e autoras escolhidas, são um apoio metodológico à compreensão da masculinidade, tendo em vista que os estudos feministas, principalmente o feminismo negro, são responsáveis pela sustentação dessa base epistemológica ao buscar entender o modo como são definidos, construídos, e continuamente manipulados os papéis sociais de gênero e do masculino. Desta maneira, iremos utilizar de suas teorias, observando sua metodologia epistemológica, como modo de identificarmos o cerceamento das configurações opressoras incidentes sobre os corpos dos homens negros.

² Será recorrente a menção do termo utilizado por hooks referente ao “sistema do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista”. Tendo em vista que, de acordo com Túlio Custódio em prefácio à obra de hooks, não há como fazer uma análise contemporânea do machismo desconsiderando que sua ética de poder também está ancorada em princípios do capitalismo e na supremacia racial branca que emerge do contexto civilizacional do Ocidente.

2 OS PAPÉIS DE GÊNERO QUE DESAGUAM NA MASCULINIDADE

Inicialmente, urge a necessidade de analisarmos algumas produções acadêmicas que envolvem as perspectivas do exercício dos papéis de gênero sobrepostas à masculinidade. Com isso, faz-se necessário considerar a contribuição investigativa de Mara Viveros Vigoya (2018), em torno do caminho traçado ao longo do tempo sobre os estudos direcionados a masculinidade, e o discurso de dominação do gênero masculino, e naturalização biológica das categorias de raça e sexo. Para tanto, Vigoya (2018) considera importante a contribuição do feminismo negro em que contraria essa ideia de determinação dos discursos biológicos do sexo, em que ou o sujeito é macho ou ele é do sexo feminino.

Uma das contribuições mais importantes do *Black Feminism* à desnaturalização das categorias de raça e sexo foi sua oposição a todo tipo de determinismo biológico e, nesse sentido, também à essencialização dos homens por sua condição biológica. As mulheres negras têm tido consciência de que as experiências das mulheres e dos homens negros estão unidas por solidariedades objetivas e subjetivas, ainda que isso não signifique que as mulheres negras devam descuidar-se ou tolerar mais o sexismo dos homens negros que os demais (VIGOYA, 2018, p. 52).

Nesse sentido, a violência do sexismo, machismo e misoginia, direcionado às mulheres reproduzem um contexto de dominação e submissão, sendo responsáveis, de algum modo, a manutenção dessa estrutura. Neste caso, a masculinidade pertence a essas configurações de gênero que promovem intersecções relacionais de poder entre diferentes mecanismos de opressão.

Diferentes autoras e autores argumentaram que, nos contextos coloniais, a masculinidade não podia ser analisada como uma simples transposição de um modelo construído na metrópole e exportado para as colônias, mas como uma configuração de gênero na qual se entrecruzam diferentes eixos de poder (classe, raça, status etc.) (VIGOYA, 2018, p. 52).

Sendo assim, as categorias que definem o gênero entre homem e mulher, constroem-se nas intervenções de poder que estão presentes nas forças dominantes, exercendo seus próprios interesses. Ora, é dessa forma que tais categorias definidoras de gênero não se tornam um elemento fixo na sociedade, tendo em vista que é necessário gerar mudanças em suas configurações para atender às necessidades do sistema que alimenta os componentes de sua estrutura dominadora.

Em primeiro lugar, porque as ordens de gênero pré-coloniais nunca foram estáticas e, em seguida, porque se deve considerar as tensões contínuas e violências associadas às mudanças trazidas pelo colonialismo, que reconstruíram uma ordem de gênero e relações entre masculinidades conforme às suas próprias necessidades (VIGOYA, 2018, p. 53).

Desta forma, a ideia de que há um gênero dominante sobre o outro, também está ligada a um fator colonialista. Veja, ao estabelecermos essa ligação histórica, percebemos que muitos dos nossos comportamentos são resquícios dessa era dominante de colonização. Pois, o modo como é determinada a nossa estrutura familiar, ao qual o homem exerce a função de provedor do lar, e o papel da mulher é considerado o de dona-de-casa, e renegado à cozinha, demonstra que ainda estamos conectados a essa arquitetura colonial, apesar do contexto social ter se modernizado.

Portanto, percebe-se que a configuração dominante de gênero, em detrimento a um estreito limite biológico do sujeito, sem levar em conta a sua própria dinamicidade, ou seja, as suas mudanças culturais relacionadas à masculinidade, sexualidade, e até mesmo de gênero, não abrangem outras camadas que se sobrepõem a cada indivíduo, e que se relacionam com os aspectos formativos de sua subjetividade e individualidade. Por consequência, essa dinâmica cultural não é capaz de estabelecer padrões de igualdade social, já que suas políticas socioeconômicas, impostas para a manutenção dessa estrutura, geram exclusões de alguns grupos, e permitem que outros continuem no poder, controlando a movimentação da massa, da diversidade étnica/racial, sexual, de gênero e de classe.

Ressalta-se, que a manutenção dessas configurações de masculinidade, adequadas ao contexto cultural, fazem parte de uma ordem regulatória do gênero que nos condiciona ao estado de submissão hierárquica neste sistema de dominação. Dessa maneira, os lares de homens negros, por exemplo, possuem necessidades de regulação, tendo em vista que a construção familiar é uma das partes da estrutura social, e exercício do controle do poder dominante. Relacionado a isso, Vigoya (2018) identificou, através dos estudos de Fuller (1997), três tipos de configurações que comportam determinadas exigências contraditórias da masculinidade para com o homem peruano. Desta forma, pode-se perceber o reflexo da cultura dominante nas masculinidades, mostra-nos que as identidades masculinas podem ser construídas de acordo com essas referências sociais e de dimensões biológicas.

Fuller (1997) identifica três configurações das representações da masculinidade na cultura peruana de classe média – natural, doméstica e exterior –, fundadas em códigos morais diferentes e potencialmente opostos. Seu estudo etnográfico demonstra que essas diferentes configurações comportam exigências contraditórias e geradoras de tensões ao longo da vida dos homens, que são obrigadas a satisfazê-las segundo o

momento do ciclo vital no qual se encontrem e os elementos de sua história pessoal que estejam em jogo (VIGOYA, 2018, p. 69).

O desafio à crise da masculinidade e suas transformações, bem como o seu impacto nas relações de gênero, diz respeito às intervenções nos papéis sociais entre homem e mulher, e a forma como esse sistema é alimentado. Este movimento, em torno da responsabilidade do gênero masculino e feminino, reflete-se no âmbito familiar. Ou seja, lares em que o único provedor financeiro era o marido, as esposas também passam a dividir as despesas, ou elas, sozinhas, são responsáveis pelo sustento da família. No entanto, apesar dessa mudança na dinâmica familiar, em comparação a algumas décadas atrás, isso não significa que as interações do sexo e gênero no contexto social tenham se modificado permanentemente. Visto que, tal mudança atende ao interesse dessa nova estrutura social, da modernidade, das novas regras de consumo, e ao contexto político-socioeconômico. Ora, hoje é possível encontrarmos homens trabalhando em salões de beleza, como professores ou enfermeiros, sem que isso gere alguma dúvida sobre a sua sexualidade.

Assim, se as sociedades industriais construíram um modelo de homem dedicado quase exclusivamente ao trabalho remunerado, o processo de globalização trouxe novas formas de trabalho masculino no setor terciário, um setor heterogêneo que tradicionalmente incorporou às mulheres, especialmente no setor de serviços domésticos e pessoais (como salões de beleza) e nas atividades de setor público de educação e saúde (como a docência e a enfermagem) (VIGOYA, 2018, p. 73).

Diante disso, outro ponto a ser destacado a respeito do universo da masculinidade seria suas relações de virilidade, ou seja, homens naturalmente são considerados o macho alfa. Contudo, é importante salientarmos que o homem negro, nesse contexto de virilidade masculina, possui a imagem de um sujeito animalizado, portanto, violento. Em vista disso, tal imagem está relacionada aos resquícios do período de escravização e colonização dos corpos negros africanos. Entender como essas noções são preestabelecidas em nossa sociedade, torna-se essencial para aprofundarmos o debate de desconstrução desses estigmas, que são preconceituosos e racistas. Com isso, destacamos o que Vigoya (2018) identifica o quanto a presença da cultura colonialista europeia ainda permeia a sociedade que esteve sobre seu domínio exploratório.

As relações das masculinidades com as distintas violências – política, socioeconômica, conjugal, de delinquência comum etc. – que marcam a história da Nossa América é um tema ineludível. Elas estão presentes desde o início na fratura imposta pela conquista e pela colonização europeia e, mais tarde, na dominação das classes oligárquicas e na permanência dos regimes militares no poder durante grande parte do século XX (VIGOYA, 2018, p. 77-78).

Então, essas percepções estigmatizadas que possuímos sobre os papéis de gênero, ao qual o homem não poderia ser professor, enfermeiro ou trabalhar em um salão de beleza, sem que julgemos sua sexualidade, são o cerne para um campo fértil das inúmeras violências contra essas pessoas. Desta forma, as definições de gênero que desaguam na masculinidade reconstróem o sentido do que é “*ser homem*” continuamente. Não obstante, essas reconstruções valorizam padrões de masculinidade vinculadas a uma ordem de gênero dominante.

Em resultado a essa dinamicidade cultural, regida pela ordem de gênero dominante, os homens negros passam a incorporar a violência como elemento identitário. Os discursos preconceituosos, estigmatizados, a exigência sobre o exercício de seu papel de gênero corresponder a uma masculinidade dominante, mesmo que essa esteja se adaptando as mudanças culturais, mas não deixe de possuir padrões de como o macho e a fêmea devem agir, são aspectos que o sujeito internaliza em sua subjetividade. No entanto, essa internalização subjetiva é decodificada e externalizada de forma violenta. A violência pode ser uma forma de relação social que constrói outros vínculos, e não o fracasso desse vínculo social. Ou seja, responder de forma violenta pode ser um modo de buscar a socialização, e impor sua presença.

Nesse contexto, a violência adquire uma estrutura identitária na qual o respeito pelos seus e a obrigação de proteção às pessoas do próprio território se convertem em uma regra de coesão grupal. O autor conclui que a violência não é tanto o fracasso do vínculo social, mas uma forma de relação social que constrói outros vínculos (VIGOYA, 2018, p. 81).

Portanto, faz-se necessário compreendermos a necessidade que há em reduzir essas violências provocadas pela imposição de normas que regulam os conceitos de gênero e masculinidade ao indivíduo, e como eles irão atuar na sociedade. Existem maneiras mais saudáveis de convivermos com a masculinidade, evitando as suas dinâmicas de violência. Além disso, homens negros são sujeitos que figuram uma imagem violenta devido o contexto histórico de colonização, sexualização, objetificação, mercantilização do seu corpo, e racista, ou seja, são corpos constantemente violentados. Entender esse fenômeno é de extrema importância, pois nos levará a uma desmitificação de preconceitos enraizados socialmente.

3 A DESEDUCAÇÃO DO HOMEM NEGRO QUE DESEMBOCA NA VIOLÊNCIA

A princípio, para hooks (2022), existe uma cultura midiática do patriarcado ao qual projeta a ideia de que a imagem do homem negro é de um sujeito próprio das ruas e ao crime. Pode-se visualizar a disseminação dessas ideias em conteúdos de comunicação em massa que retratam a imagem de homens negros como bandidos, traficantes, em situações de rua, em

vulnerabilidade econômica, agressivos, ora agredindo suas companheiras ora em confronto verbal ou físico com outros homens, negros ou não. Todos os dias, homens negros enfrentam uma cultura que lhes diz que nunca poderão realmente conseguir dinheiro ou poder suficiente para libertá-los da tirania branca racista no mundo do trabalho (hooks, 2022, p. 80).

No entanto, promover uma educação de qualidade seria uma forma de evitar que homens negros recorram ao mundo do crime como forma de subsistência financeira. Obviamente, que essa educação deve ser financiada por políticas públicas governamentais, que contribuiriam para estabelecer mudança e justiça social na sociedade. Apesar disso, a educação não se torna uma blindagem ao homem negro contra o racismo, ou qualquer outra pessoa negra, violentado por ele diariamente. Pessoas negras, conforme hooks (2022), inclusive homens negros que recorrem à criminalidade, podem não acreditar que a escola é um local que deseja a sua presença.

O racismo, praticado por colegas de classe, professores e a sociedade, o preconceito visto nos livros didáticos, e acompanhado pelos noticiários, pode desmotivar qualquer aluno negro que esteja buscando se educar. No entanto, mesmo que estes homens negros busquem a educação, e, aparentemente, a sociedade o acolha, ainda sim ele será punido de alguma forma no decorrer do processo de construção enquanto sujeito social. Ademais, homens negros são educados a não ter escolha, a não ser escolher a violência. Sabotados por uma imagem estigmatizada pela premissa da escravização, e desenvolvida durante o período da colonização, homens negros foram considerados ameaçadores, violentos, agressivos, animalescos.

Jovens negros, desproporcionalmente numerosos entre os pobres, têm sido socializados para acreditar que a força e a resistência física são tudo o que realmente importa. Essa socialização é tão presente no mundo atual quanto durante a escravidão. Preparados para serem mantidos como membros permanentes de uma subclasse, para não terem escolhas e, portanto, para estarem dispostos a matar, sempre que necessário, em nome do Estado, homens negros sem privilégio de classe sempre foram alvo da deseducação (hooks, 2022, p. 91).

Perceba, o processo de socialização do homem negro ainda continua resgatando o mesmo conceito idealizado durante o período histórico, que seria o de sujeito inferior, e com corpo disponível para ser violentado e subjugado. Contudo, mesmo que esse homem negro não possua nenhum desses estereótipos, isto é, sendo um sujeito machista ou violento, ele poderá lidar com uma sociedade que o enxerga dessa forma. Assim, em busca de se posicionar perante uma sociedade que continuamente o rejeita, para hooks (2022), ser agressivo é a maneira mais simples de afirmar a masculinidade patriarcal.

Homens negros não violentos encaram, todos os dias, um mundo que os vê como violentos. Homens negros que não são predadores sexuais ou estupradores enfrentam um público que se relaciona com eles como se essa fosse verdadeira identidade. Na verdade, muitos homens negros explicam sua decisão de se tornar a “besta” como uma rendição às realidades que não podem mudar. Afinal, se você já é visto como uma fera, pode agir como tal (hooks, 2022, p. 111).

Consequentemente, o reflexo dessas representações negativas da imagem do homem negro para a sua família não costuma acarretar contextos agradáveis, tendo em vista que boa parte da violência masculina negra é dirigida às mulheres. Uma vez que, pessoas negras são violentadas continuamente pelo racismo, fisicamente ou psicologicamente, estas violências não cuidadas e saradas, poderão ser personificadas como atitudes violentas contra si próprio ou algum familiar, a uma pessoa mais próxima, estendendo-se até para a sociedade. É o que hooks (2022) denomina como canal socialmente aceitável, em outras palavras, o uso da violência para reivindicar uma posição social, um lugar de respeito à sociedade.

Se os homens negros são socializados desde o nascimento para abraçar a noção de que sua masculinidade será determinada pela possibilidade ou não de dominar e controlar os outros, e, apesar disso, o sistema político patriarcal supremacista branco imperialista impede a maioria deles ter acesso a posições socialmente aceitáveis de poder e dominância, então eles reivindicarão sua masculinidade por meio de canais socialmente aceitáveis (hooks, 2022, p. 123).

Diante disso, é preciso identificar a gênese dessa violência em que o homem negro é socializado. Muitas vezes essa está presente em sua infância, ao qual houve escassez de afeto tanto de seu pai como de sua mãe. Assim sendo, hooks (2022) identifica que quase todos os homens negros violentos foram maltratados na infância. No entanto, eles ainda acreditam que a violência é uma forma aceitável de exercer poder, influenciar uma situação, e manter o controle.

Além disto, essa violência está ligada, ao que hooks (2022) nos diz, a responsabilidade que o homem negro possui sobre se tornar o provedor da família. Ser o responsável pela manutenção financeira do lar, além da coexistência de um cenário político socioeconômico que não gera oportunidades de inserção ao mercado de trabalho e dificulta sua capacitação profissional, são aspectos que afetam consideravelmente sua autoestima. No contexto patriarcal, homens negros são cobrados, além de sua performance sexual, no que tange ao cuidar do bem-estar de sua família. A respeito disso, bell hooks (2022) nos diz que a mensagem transmitida ao homem negro sobre como “ser homem” é de caráter contraditório, veja:

Boa parte dos homens negros recebeu mensagens contraditórias consistentes da sociedade sobre o que significa ser responsável. A socialização patriarcal diz que você é responsável se conseguir um emprego, levar seu salário para casa e cuidar do bem-estar material de sua família. A pobreza e a falta de oportunidades de trabalho, porém,

impediram muitos homens negros de serem responsáveis, no sentido patriarcal do termo. Muitos homens negros aceitam essa definição de masculinidade responsável e passam a vida se sentido fracassados, sentido como se sua autoestima fosse violentada e atada por todos os lados, porque não podem acessar os meios para cumprir esse papel (hooks, 2022, p. 161)

Um ponto importante que constitui essa exigência patriarcal em prover o lar, é que os homens suprimem a ideia de expor suas falhas, ou quando sentem que fracassaram em corresponder a proposta do ideal de masculinidade. Neste caso, é no patriarcado que o homem, enquanto sujeito denominado como macho alfa e viril, não pode expor seus sentimentos. No entanto, suprimir seus sentimentos se torna uma forma de violência ao homem. Desta forma, sem pedir ajuda, eles externam violência contra si e sua família.

Muitas vezes, a socialização patriarcal segundo a qual os meninos não devem expressar emoções ou receber cuidado emocional é mais cruel e implícita na socialização da primeira infância dos meninos negros. A imagem de homens negros emasculados e castrados está tão presente na imaginação cultural que muitos pais negros sentem que é crucial treinar os meninos para serem “durões” (hooks, 2022, p. 162).

Deste modo, outro aspecto relevante dessa socialização do homem, é a educação dos meninos negros sem a figura paterna, ou o abandono parental, em que muitos lares de crianças negras estão vazios das presenças dos seus pais, ao qual contam apenas com os cuidados de uma mãe negra, que também pode dar continuidade a reprodução de violências ao educá-los. Em vista disso, mulheres que negociam a narrativa das normas patriarcais, passam a cuidar de seu filho sem a ajuda do pai, acreditando que a presença dele não é importante para o bem-estar da criança, e que ela consegue assumir sozinha a responsabilidade de cria-lo. Observemos os escritos de hooks (2022) sobre a responsabilidade parental.

Ser pai é um trabalho difícil, árduo e que consome muito tempo, e os homens não costumam querer exercê-lo. Nesse aspecto, os homens negros não são exceção. Da escravidão em diante, muitos homens negros optaram por evitar a paternidade. Eles geram filhos que não tem intenção de criar. Em consonância com mulheres negras que sofreram lavagem cerebral pelo pensamento patriarcal, eles acreditam que o amor do pai não é essencial para o bem-estar de uma criança (hooks, 2022, p. 187).

O intuito, portanto, é identificarmos as inúmeras configurações sobrepostas a identidade não só do homem negro em si, mas do menino negro que está em processo educativo, e a mulher negra vítima dessa violência. A pensadora hooks (2022) nos diz a respeito do sistema do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista ao qual o homem negro é socializado. A sua socialização nesse sistema não gera sujeitos que evitam a violência, pelo contrário, praticam e são alvos dela. Portanto, faz-se necessário entendermos a necessidade de remarmos uma corrente inversa a qualquer sistema que eduque de forma violenta o homem

negro. No entanto, a mudança é um processo progressivo, mas urgente. O artigo não possui o intuito de proteger homens negros, tornando-os vítimas, mas o de percebemos que, enquanto eles forem violentados, haverá reprodução de violência, contra si próprio, mulheres, seus filhos, e a sociedade.

4 REMANDO COLETIVAMENTE PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA MASCULINIDADE SAUDÁVEL

Inicialmente, a história da escravização dos povos africanos nos traz um contexto equivocado de lascividade entre essas pessoas, destituindo-os de qualquer traço de afetividade que poderia existir em suas relações. No entanto, não faz sentido pensarmos que existia uma lascividade entre eles, tendo em vista que eles estavam em um contexto de escravização, espancados, e sua existência estava sendo silenciada. Logo, sua única preocupação seria a de sobreviver a esse sistema. Podemos observar isso nas palavras de hooks (2022),

Todavia, um fato é mais do que evidente: corpos masculinos negros não estavam chegando ao novo mundo obcecados por sexualidade; eles vinham de contextos onde a sobrevivência era mais importante que o desejo sexual. É sempre difícil para os ocidentais lembrar que existem regiões no mundo onde a contínua obsessão pela sexualidade que caracteriza a vida na Europa e nas Américas simplesmente não existe (hooks, 2022, p. 139).

Dessa maneira, de acordo com Lélia Gonzalez (2020,), duas concepções ideológicas definem, de maneira dúbia e distorcida, a identidade dos negros na sociedade brasileira: por um lado, a noção de democracia racial, e, por outro, a ideologia do branqueamento. Assim, esse branqueamento dos sujeitos é uma força reprodutora de conduta racistas na sociedade. Logo, o clareamento agiria não só na construção de uma sociedade aos moldes de um contexto europeu-estadunidense, mas também afetaria a maneira como destinamos nosso afeto. Consequentemente, pessoas brancas possuiriam mais privilégios ao mercado afetivo do que pessoas negras.

Sendo assim, o status de embranqueamento social de pessoas negras para brancas, nega aos negros uma identidade racial que esteja adequada aos padrões de beleza existentes. Por conseguinte, esse processo embranqueador, aliado ao sistema de racialização dos sujeitos, priva o homem negro de qualquer modelo social de vida saudável em sociedade. A respeito desse processo embranqueador definidor de afeto, ao qual determina com quem devemos nos relacionar, e que categoriza as pessoas negras são classificadas, Lélia Gonzalez (2020) nos traz um panorama deste cenário.

Enquanto o mito da democracia racial funciona nos níveis públicos e oficial, o branqueamento define os afro-brasileiros no nível privado e em duas outras esferas. Numa dimensão consciente, ele reproduz aquilo que os brancos dizem entre si a respeito dos negros e constitui um amplo repertório de expressões populares pontuadas por imagens negativas do negro: “Branco correndo é atleta, negro correndo é ladrão”; “O preto, quando não suja na entrada, suja na saída”; “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” etc. (GONZALEZ, 2020, p. 69).

Gonzalez (2020) já observava no Brasil que o número de casamentos interraciais, entre pessoas de raças diferentes, era bem menor que o casamento intrarracial, entre pessoas da mesma raça. No entanto, o homem negro ao ascender financeiramente, aumentando o seu nível de rendimento e educacional, possuía preferência pelo casamento com mulheres brancas do que com negras. Se o homem negro possui em seu imaginário a ideia de que será mais bem aceito pela branquitude se casando com uma mulher branca, e para isso ele precisa rejeitar a mulher negra, ele está a serviço das classes brancas dominantes. Ou seja, cada vez mais distanciado da comunidade negra, ele vai internalizando e reproduzindo valores ideológicos “brancos”, oriundos do racismo, chegando ao ponto de se envergonhar e finalmente desprezar sua comunidade de origem. Ora, para Fanon (2008), casamentos interraciais podem conter um desejo de pertencimento, ou de vingança.

O quinto capítulo, que intitulei “A experiência vivida do negro”, é importante por várias razões. Ele mostra o preto diante de sua raça. Perceberemos que não há nada em comum entre o preto deste capítulo e aquele que procura dormir com a branca. Encontramos nesse último um desejo de ser branco. Uma sede de vingança, em último caso. Aqui, ao contrário, assistiremos aos esforços desesperados de um preto que luta para descobrir o sentido da identidade negra (FANON, 2008, p. 30).

No entanto, o processo de rejeição não é só da mulher negra, mas é também de si mesmo. Pois, ao rejeitar a mulher negra ele também está rejeitando a sua existência, pois de acordo com Fanon (2008), é como se fosse uma espécie de suicídio do seu Eu. Portanto, negar a si próprio e sua etnia, é como se ele estivesse provocando sua própria morte, ou seu suicídio, em favor da aceitação da branquitude. Essas configurações, que estão ligadas ao racismo, personificar-se-ão em atitudes machistas do homem negro para com a mulher branca, ou entrar em um campo de rivalidade para com o homem branco, de acordo com Gonzalez (2020).

Ora, se o homem negro faz parte de um sistema que o racializa, projetando a ideia de superioridade entre as raças, e reproduz o conceito de que o clareamento racial constitui um modelo de sociedade brasileira adequada, em ambas as projeções, tanto o embranquecimento como a sua racialização, o homem negro é destituído de sua própria humanidade para dar lugar ao pensamento da cultura embranquecedora dominante. Em uma análise a respeito do cenário

racial brasileiro, Patricia Hill Collins (2021) nos faz observar que o mito da democracia racial é capaz de apagar identidades negras, inviabilizando o modo como a desigualdade social pode afetar vidas negras.

Ironicamente, o mito da identidade nacional brasileira apagou a raça para construir uma filosofia de democracia racial em que ser brasileiro substitui outras identidades, como as de raça. Em essência, ao apagar a categoria política de raça, o discurso nacional da democracia racial eliminou a linguagem que poderia descrever as desigualdades raciais que afetavam a vida das pessoas negras brasileiras (COLLINS, 2021, p. 39).

Esse processo ao qual se concentra o discurso de democracia racial, possui o poder de desumanizar identidades negras, propiciando a objetificação e sexualização dos seus corpos. Dessa forma, homens negros que respondem a essa desumanização sexual dos seus corpos estão sujeitos a submissão de relações com pouco afeto, voltadas apenas para intercursos sexuais e sexualização dos seus corpos. O corpo masculino do homem negro, de acordo com hooks (2022), apesar de temido, ainda é desejado, tornando-se tão objetificado nos dias de hoje como na escravidão. Ou seja, o homem negro possui um corpo transfigurado para o desejo.

Desse modo, o cenário em que o homem negro se encontra é contextualizado por bell hooks (2022) como o sistema patriarcal supremacista branco capitalista imperialista. É interessante compreendermos a visão de hooks (2022) quando ela fala desse sistema de poder, pois ele figura mecanismos de opressão responsáveis pela manutenção de sua própria estrutura de dominação. No entanto, podemos vincular a perspectiva da teórica afro-estadunidense Patrícia Hill Collins (2019) ao conceito de sistema de dominação patriarcal supremacista branco capitalista imperialista de hooks (2022), de modo que possamos esclarecer epistemologicamente as ferramentas de opressão utilizadas no interior de seus domínios.

A intelectual Patrícia Hill Collins (2019) desenvolve um importante pensamento a respeito do que ela denomina como *matriz de dominação*³, ao qual possui em sua estrutura quatro tipos de domínios de poder inter-relacionados: o estrutural, o disciplinar, o hegemônico e o interpessoal. Cada um exerce um papel de domínio específico, que está relacionado a organização do poder como estrutura, a administração da disciplina que controla os sujeitos, a opressão hegemônica que eles sofrem e o interpessoal, que como Collins (2019) mesmo diz, influencia a experiência cotidiana e a consciência individual dela decorrente. Porém, estes

³ **Matriz de dominação:** organização geral das relações hierárquicas de poder em dada sociedade. Qualquer matriz específica de dominação tem: (1) um arranjo particular de sistemas interseccionais de opressão, por exemplo, raça, classe social, gênero, sexualidade, situação migratória, etnia e idade; e (2) uma organização particular de seus domínios de poder, por exemplo, estrutural, disciplinar, hegemônico e interpessoal (COLLINS, 2019, p. 460).

conceitos de domínios, para Collins (2019), não são tão diferentes dos conceitos que envolve a cultura patriarcado supremacista branco capitalista imperialista que hooks (2022) desenvolve.

Deste modo, para realizarmos uma análise mais sintética sobre a terminologia utilizada por hooks (2022), iremos destrinchar cada termo, alisando-os separadamente, para que possamos compreender o trabalho desenvolvido das duas intelectuais sobre os sistemas de opressão social. Porém, quando Collins (2019) desenvolve suas quatro perspectivas de domínio, ela faz relação direta com as mulheres negras afro-estadunidenses, enquanto hooks (2022) fala sobre os homens negros afro-estadunidenses. No entanto, isso não significa que estejamos proibidos de assimilar a ideia de Collins (2019) sobre os homens negros, que também são sujeitos que vivem sob esses domínios.

Portanto, vejamos o primeiro domínio, o disciplinar, ao qual ele é um mecanismo de opressão em que, de acordo com Patricia Hill Collins (2019, p. 443), a sua forma de governar é baseada em hierarquias burocráticas e técnicas de vigilância, ao qual ele administra essas relações. Podemos, então, identificar nesse domínio uma forma de controle do patriarcado, em que ele disciplina as masculinidades dos homens, inclusive do homem negro, disciplinando-os com o intuito de formar sujeitos obedientes à relação binária de gênero, macho e fêmea, alocando cada sexo em seu devido papel social de homem e mulher na sociedade. Ou seja, de acordo com o que foi visto anteriormente, a imagem que o patriarcado possui do homem negro é de um sujeito com masculinidade violenta, tendo em vista que o homem branco figura o seu oposto. Dessa forma, o patriarcado se torna o domínio disciplinar da masculinidade, disciplinando os homens negros ao exercício de sua virilidade.

Outro domínio importante é o estrutural ao qual possui como característica a sua ênfase em instituições sociais de grandes dimensões e articuladas. Além disso, ainda sob o pensamento de Collins (2019), o empoderamento de indivíduos e grupos não tem como florescer se não houver mudanças nas instituições sociais que promovem exclusão. Dessa forma, a organização supremacista branca de hooks (2022) pode ser associada a ideia de Collins (2019) quando esse sistema reacende o retorno das ideologias racistas, ao limitar, excluir e subordinar homens negros à dinâmica da sociedade. Ou seja, no sistema supremacista branco o homem negro é destituído do afeto, cria-se desvantagem ao mercado de trabalho, e sua imagem é estigmatizada como o “*bandido*”.

O terceiro domínio é o hegemônico, ao qual controla a ideologia, cultura e consciência dos sujeitos, e visa justificar as práticas exercidas desse domínio de poder. Este domínio atua como elo entre as outras instituições, legitimando o exercício de poder de cada uma. Desta

forma, ele age como o sistema capitalista ao qual o seu território de domínio abrange inúmeros sistemas que possuem mecanismos de opressão, como o racismo e o patriarcado. O homem negro no sistema capitalista é o corpo alvo das mais diversas violências, desde o período colono em que houve a escravização de pessoas africanas até o racismo enfrentado atualmente, e que ainda continua a reproduzir comportamentos colonizadores e de uma escravidão moderna da pessoa negra, seja explorando sua mão-de-obra, ou renegando-a à marginalização.

Por fim, o quarto domínio é o interpessoal ao qual ele funciona seduzindo, pressionando as afro-americanas, os membros dos grupos subordinados e todas as pessoas a substituir formas individuais e culturais de conhecer pelo pensamento especializado do grupo dominante – ideologias hegemônicas que, por sua vez, justificam práticas de outros domínios de poder. Desta maneira, estamos falando de um processo que legitima a continuidade da opressão, ou seja, uma noção imperialista de domínio, que atua na subjetividade do sujeito. Esse sistema de domínio interpessoal diz respeito ao modo como as pessoas se tratam. Ou seja, podemos nos remeter ao imperialismo da personalidade do homem negro em que, cansado da violência diária que sofre por conta do racismo, busca pertencer ao mundo branco, como meio de fugir dessas violências. A exemplo disso, como diz Frantz Fanon (2008), muitas vezes o casamento do homem negro com a mulher branca seria uma forma de se blindar contra o racismo, acreditando que a branquitude o aceitará como um dos seus.

Portanto, é importante repensar a masculinidade como um projeto de desconstrução da identidade homem negro, direcionando-se a uma política de empoderamento. Com isso, investigar como a estrutura sistêmica mantém as configurações de masculinidade, afetando a vida do homem negro negativamente, é uma maneira de remarmos em direção a uma corrente que priorize o afeto aos homens negros, como tentativa de compreensão e acolhimento de suas dores. Esse é o caminho para o processo de sua cura interior, o que não significa que ele possa estar sozinho. É remarmos por esta correnteza juntos, enfrentando os inúmeros sistemas de poder que nos obstruem. Remando, podemos trilhar um percurso que nos leve à mudança e justiça social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse artigo, que buscou analisar a masculinidade através das perspectivas de autoras intelectuais que estudam esse fenômeno, e como ele se faz presente na vida do homem negro, influenciado seu comportamento social, afetando suas relações afetivas, tentamos

esclarecer de que modo ocorre o exercício dos papéis de gênero entre homens e mulheres, e como o poder dominante controla a masculinidade de homens negros.

Primeiramente, trouxemos aspectos fundamentais do pensamento de Maria Viveros Vigoya, que nos ajudaram a perceber que os papéis de gênero da masculinidade podem ser revistos, e não é uma categoria fixa. A masculinidade está ligada a um aspecto cultural do sujeito, que alimenta um sistema dominante, mas que podemos encontrar dentro delas mudanças significativas. Por exemplo, a mudança cultural ao observamos que os homens atualmente assumem profissões que antes eram estigmatizadas, como o trabalho de professor, enfermeiro ou trabalhar em um salão de beleza.

Adiante, o encontro com a leitura de bell hooks nos trouxe um aspecto de acolhimento às identidades de homens negros. A autora é capaz de nos fazer perceber que homens negros, vivendo em lares disfuncionais e violentos, não constroem uma masculinidade saudável, e que este cenário deve mudar. A característica fundamental que trará essa mudança é o afeto. Homens negros precisam passar por um processo de cura, ressignificando as experiências violentas que viveram, e entendendo a necessidade de sua figura como pai na educação de seus filhos negros. É no lar de um menino negro que também começa esse processo, distribuindo muito afeto, acolhimento, e sempre buscando se manter disponível emocionalmente.

As autoras Patricia Hill Collins e Lélia Gonzalez dão continuidade a contribuição ao desenvolvimento desse artigo. Ao conceber o pensamento sobre os estudos a respeito da branquitude, Lélia Gonzalez nos esclarece que o discurso de democracia racial funciona como uma mola propulsora ao qual movimenta as pessoas negras ao declínio de suas identidades, aproximando-os ao que o mundo dos “branco” espera que aconteça, pessoas negras desumanizadas, servindo ao sistema de controle do embranquecimento de suas subjetividades, destituindo-os de afeto. Ademais, Patricia Hill Collins é responsável por nos trazer os conceitos de domínio de poder, que são o estrutural, disciplinar, hegemônico e o interpessoal. Esses termos se tornam importantes para desenvolvermos uma leitura epistemológica do que hooks chama de a cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista.

Ambas as leituras, tanto de hooks quanto de Collins, foram fundamentais para entendermos as configurações de opressão que controlam, disciplinam e reproduzem continuamente o discurso de dominação e poder aos homens negros. Tais conceitos são necessários para desconstruirmos o imaginário de que todo homem negro é violento, que agride sua companheira, e abandonam seus filhos, deixando a responsabilidade do cuidado e educação às mulheres negras. A relevância do artigo é a de nos fazer compreender esse cenário, e,

coletivamente, encontrarmos meios de driblar os mecanismos dos sistemas opressores que tentam controlar os corpos dos homens negros. Assim, iremos construir relações saudáveis, com muito afeto e acolhimento.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento** / Patricia Hill Collins; tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paul: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Política sexual negra: afro-americanos, gênero e o novo racismo**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

CONNEL, Robert William. Política da Masculinidade. **Revista Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, Jul/dez, 1995, p. 185-206.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lelia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

VIGOYA, Viveros Mara. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa**. Tradução de Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.